

PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO FÍSICA ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Perceptions of teachers of science and physical education about sex education in schools

Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira [betinamoreira@unipampa.edu.br]

Vanderlei Folmer [vandfolmer@gmail.com]

Universidade Federal do Pampa

Campus Uruguaiana, BR 472, Km 592, Caixa Postal 118

Uruguaiana, RS, Brasil, CEP: 97500-970

Resumo

A educação sexual na escola pode possibilitar aos alunos conhecer, refletir e discutir sobre questões ligadas à sexualidade, porém temos percebido a dificuldade dos adultos em abordar o tema sexualidade. O objetivo deste trabalho é apresentar as percepções de professores de ciências e educação física da rede pública de ensino fundamental de Uruguaiana/Rio Grande do Sul (Brasil) acerca da educação sexual na escola, visando subsidiar a construção e/ou o aperfeiçoamento de uma proposta de trabalho. Os dados foram coletados através de um questionário e analisados pela técnica de análise de conteúdo. A partir das discussões dos resultados, foi possível constatar que os professores já haviam trabalhado e/ou trabalhavam o tema educação sexual na escola em função das necessidades apresentadas pelos próprios alunos. Também foi possível verificar que o interesse demonstrado pelos alunos serviu como ponto facilitador do processo e que as maiores dificuldades foram originárias da falta de capacitação dos professores e da pouca participação da família na discussão desta temática.

Palavras-chave: educação sexual, educação em ciências, temas transversais, ensino fundamental.

Abstract

Sex education in school may allow students to meet, discuss and reflect on issues of sexuality, but we have noticed the adults' difficulty in approaching the topic sexuality. The objective of this paper is to present the perceptions of science teachers and physical education in the public school of Uruguaiana/Rio Grande do Sul (Brazil) about sex education in school, aiming to support the construction and/or improvement of a proposal work. Data were collected through a questionnaire and analyzed using content analysis. From the discussions of the results, it was found that the teachers had worked and/or worked the theme sex education in school depending on the needs presented by the students themselves. It was also observed that the interest shown by the students served as the facilitator of the process and that the greatest difficulties originating from the lack of training of teachers and the little family participation in the discussion of this issue.

Keywords: sex education, science education, cross-cutting themes, elementary school.

Introdução

A educação sexual na escola tem como objetivo possibilitar aos alunos conhecer, refletir e discutir sobre questões ligadas à sexualidade, visando uma vida mais prazerosa, com mais consciência e liberdade nas escolhas, viabilizando uma qualidade de vida melhor.

Por educação sexual entende-se todo o processo pelo qual o indivíduo aprende sobre sexualidade ao longo do tempo. Ela visa contribuir para que os adolescentes tenham uma visão positiva da sexualidade, desenvolvendo uma comunicação clara nas relações interpessoais, elaborando seus próprios valores a partir de um pensamento crítico e tomando decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual, agora e no futuro. (Albino, 2008, p. 512).

A educação sexual deveria iniciar com a família e ter continuidade na escola e nos serviços de saúde, porém temos percebido a dificuldade dos pais, dos professores e dos profissionais da saúde em abordar este tema.

Muitas vezes, os pais têm dificuldades em abordar questões de sexualidade com seus filhos, justamente por não terem muito claro o que aconteceu com eles próprios. Neste contexto, a maioria dos pais atribui a tarefa da orientação sexual de seus filhos à escola e esta, por sua vez, apresenta dificuldade em cumprir tal tarefa. (Brêtas & Silva, 2009, p. 215).

Habitando o mundo da família e o mundo da escola, o adolescente chega ao serviço de saúde. Nesse cenário, encontra profissionais que também se vêem limitados e com desafios para lidar com as reais necessidades dos adolescentes. (Horta, Madeira & Armond, 2009, p. 129).

Temos observado que a maior dificuldade em abordar o tema sexualidade em casa, na escola ou nos serviços de saúde está relacionada com os adultos de referência (pais, professores e profissionais da saúde), sendo necessária a criação de espaços para discutir e refletir sobre adolescência e sexualidade, bem como, o papel de cada um na relação com o adolescente (filhos, alunos e pacientes).

La sexualidad es la tendencia a la búsqueda del placer y es una característica del ser humano, como lo es el lenguaje o la racionalidad. Nacemos y morimos con ella; existe en el recién nacido, en los niños, los jóvenes, los adultos y los ancianos, y en cada uno se manifiesta de manera diferente. Está condicionada por la edad, las crisis que cada uno atraviesa, por la sociedad en que vivimos, y también por la cultura en la que cada individuo se desenvuelve. (Escobar de Fernández, 2008, p. 25-26).

A sexualidade é um aspecto central da experiência humana ao longo da vida e abrange sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experimentada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Enquanto a sexualidade é capaz de incluir todas estas dimensões, nem todas são sempre experimentadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, étnicos, legais, históricos, religiosos e espirituais. (Organização Mundial da Saúde apud Albino, 2008, p.505).

A adolescência é a fase onde ocorre a transição entre a infância e a vida adulta. Nesta fase as mudanças biológicas, psicológicas e sociais são intensas e normalmente acompanhadas por insegurança.

Entrar no mundo dos adultos – desejado e temido – significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança. É o momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento. As mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. (Aberastury, 1981, p. 13).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o período da adolescência compreende dos 10 aos 19 anos de idade (OMS apud Brasil, 2006a).

Los adolescentes pasan por tres períodos más o menos definidos: la adolescencia temprana, media y tardía. A la primera, que está ocupada por la pubertad y su gran pregunta ¿Cómo

soy? [...] La adolescencia media es la de los cambios en la esfera psicológica; [...] Se busca y reafirma la identidad sexual, se adquiere mayor autonomía y se responde a un interrogante: ¿Quién soy? Aparecen las preguntas acerca de la sexualidad, del sexo, la gran curiosidad por todo, la búsqueda de la independencia a toda costa, las transgresiones más duras, y también los riesgos que implica un posible inicio sexual temprano. La tercera etapa ya es cercana a la vida adulta y responde a la pregunta ¿Quién seré? Es el momento del desprendimiento familiar, de la vocación, los proyectos de la universidad, el trabajo y la definición de la identidad sexual. (Escobar de Fernández, 2008, p. 96-97).

A identidade sexual é o conjunto de características sexuais que diferenciam cada pessoa das demais e que se expressam pelas preferências sexuais, pelos sentimentos ou pelas atitudes em relação ao sexo. Está vinculada à idéia de quem acreditamos ser. É formada ao longo da vida através da imagem física, de como a pessoa é tratada e de como ela se sente. Apesar de se basear no sexo biológico, a identidade sexual não é tão ligada a ele. (Brêtas & Silva, 2009, p. 227).

O adolescente sente-se inseguro diante de tantas mudanças, necessitando do acolhimento dos adultos, que num primeiro momento deveria ser realizado pelos pais, podendo ser complementado pelos professores e profissionais da saúde.

Os pais têm apresentado dificuldade em abordar naturalmente este tema, transferindo esta responsabilidade para a escola e para os profissionais da saúde, que também se sentem despreparados, deixando o adolescente desamparado e vulnerável às opiniões de amigos, muitas vezes desinformados, e dos meios de comunicação que, conforme Costa et al. (2001, p. 223), “[...] utilizam as questões da sexualidade de forma banalizada, sem contribuir para que o adolescente reflita e possa estabelecer critérios de causa e efeito na forma de encarar e se comportar frente ao exercício da sexualidade”.

No sentido de acolher e educar o indivíduo revela-se importante à educação sexual fornecida desde o nascimento pela família. Mas esta instituição nem sempre consegue cumprir satisfatoriamente sua função e acaba transferindo-a a outra instituição onde seu filho passará grande parte de sua vida: a escola. Sabemos que as duas instituições têm ações complementares na educação e que a escola também enfrenta dificuldades em cumprir seu papel na orientação sexual de seus alunos. Para cumprir sua função educativa, a escola depende dos seus professores, [...]. (Jardim & Brêtas, 2006, p. 161).

Os professores, muitas vezes, não se sentem preparados para abordar este assunto em sala de aula ou quando desenvolvem o trabalho de educação sexual na escola acabam enfocando os conteúdos da disciplina de ciências e biologia, como mencionado em um estudo realizado por Jardim & Brêtas (2006, p. 161),

Os professores deste estudo mostraram-se inseguros com o seu conhecimento e prática nos conteúdos de orientação sexual, restringindo-se apenas aos conteúdos dos livros de ciências e biologia que se resumem na anatomia e fisiologia da reprodução e temas tradicionais da adolescência como a prevenção da gravidez e das DST/AIDS.

Os adultos de referência deveriam facilitar as gradativas conquistas, estando disponíveis através da presença, da escuta e do incentivo ao enfrentamento do novo e desconhecido, representando um “porto seguro”. Porém, temos encontrado adultos de referência que necessitam compreender melhor esta fase para identificar o seu papel na relação com o adolescente e tentar auxiliá-lo nesta transição. Segundo Muñoz (2002, p. 453), “[...] está claro que uno de los principales problemas que plantea la educación sexual es sin duda alguna la comunicación. El de la comunicación entre aquellos llamados a facilitarla: educadores, padres y madres, [...]”.

Trabalhar com educação sexual na escola exige conhecimento técnico, tornando-se um desafio para os professores abordar este tema na sala de aula. Apesar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) prever a inclusão da orientação

sexual como um dos temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 2006a), observa-se a resistência e a dificuldade no desenvolvimento deste tema nas escolas.

No Brasil, em 2003, os Ministérios da Saúde e da Educação lançaram o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), que tem como objetivo a promoção da saúde sexual e reprodutiva, visando reduzir a vulnerabilidade de adolescentes e jovens às doenças sexualmente transmissíveis (DST), à infecção pelo HIV, à AIDS e à gravidez não planejada, através do desenvolvimento articulado de ações nos âmbitos das escolas e das unidades básicas de saúde. O SPE está estruturado através de um Grupo Gestor Federal (GGF), Grupo Gestor Estadual (GGE) e Grupo Gestor Municipal (GGM). (Brasil, 2006b).

Em 2006, o município de Uruguaiana/Rio Grande do Sul foi convidado a participar do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), iniciando a implantação das suas ações em 2007 pelo Grupo Gestor Municipal (GGM) que era composto, na época, pelas seguintes instituições: Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Educação, 10ª Coordenadoria Regional de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/Campus Uruguaiana) e Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/Campus Uruguaiana).

Em 2007 foi criado o grupo de professores multiplicadores do projeto SPE, constituído por representantes indicados pela direção das escolas da rede pública de ensino, sendo formado, na sua maioria, por orientadores educacionais.

Como os professores multiplicadores que participavam do projeto SPE eram, na sua maioria, orientadores educacionais e mencionavam que o professor de ciências era o que desenvolvia o tema sexualidade com maior frequência na escola, bem como, ao pensarmos nas demais disciplinas que fazem parte do currículo escolar e que poderiam ter uma relação direta e/ou indireta com o tema sexualidade, optou-se pela disciplina de educação física. Desta forma, tivemos a curiosidade e o interesse em investigar o que pensavam os professores de ciências e educação física sobre o tema educação sexual na escola.

Com base no exposto, esta pesquisa teve como objetivo conhecer as percepções de professores de ciências e educação física da rede pública municipal de ensino fundamental de Uruguaiana/Rio Grande do Sul acerca da educação sexual na escola visando subsidiar a construção e/ou o aperfeiçoamento de uma proposta de trabalho.

Metodologia

Foi aplicado, no período de junho a julho de 2009, um questionário a todos os professores de ciências e de educação física da rede pública municipal de ensino fundamental de Uruguaiana/Rio Grande do Sul. Sendo 23 professores de ciências e 17 de educação física, totalizando uma população de 40 sujeitos.

Antes da coleta de dados o instrumento foi testado em uma aplicação de teste piloto com as coordenadoras dos professores de ciências e de educação física, visando avaliar a clareza das questões, bem como, agendar a data para a coleta de dados com os professores que, por sugestão das coordenadoras, foi no dia de reunião de cada grupo de professores (ciências e educação física).

Após a coleta dos dados foi realizada a decomposição das informações presentes nos questionários pela técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2004). A técnica é constituída pelas etapas de pré-análise, de exploração do material e de tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

O questionário apresentava questões fechadas (sexo, idade e formação) e abertas, cujas questões foram as seguintes: 1) Na escola onde você leciona é desenvolvido algum trabalho de educação sexual com os alunos? (Quem desenvolve, com quais alunos); 2) Você já trabalhou e/ou trabalha com o tema educação sexual na escola? (Por quê, com quais alunos, como, sozinho/com outros professores); 3) Você já recebeu alguma orientação e/ou capacitação para trabalhar o tema educação sexual na escola?; 4, 5 e 6) Com a sua experiência, qual(ais) a(s) facilidade(s) e a(s) dificuldade(s) encontrada(s) para trabalhar o tema educação sexual na escola e o que poderia ajudar e/ou facilitar o desenvolvimento do tema educação sexual na escola?

O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria.

Resultados e discussão

Para facilitar a apresentação dos resultados e a discussão optamos por apresentar o perfil dos professores (sexo, idade e formação) na Tabela 1 e a resposta/categoria que apareceu com maior frequência nas Tabelas 2, 3, 4, 5, 6 e 7.

Tabela 1. Questões fechadas referente ao perfil dos professores.

Questões fechadas	Professores de ciências e educação física
Sexo	Feminino: 30 Masculino: 10
Idade (faixa etária)	21-30 anos: 7 31-40 anos: 7 41-50 anos: 19 51-60 anos: 1 61-70 anos: 1 Não responderam: 5
Formação	Ciências naturais (química = 1, física = 1 e biologia = 18): 20 Ciências exatas (matemática = 2 e administração = 1): 3 Ciências da saúde (educação física): 17

Podemos observar no perfil dos professores que a maioria dos professores é do sexo feminino, encontram-se na faixa etária entre 41–50 anos de idade e possuem formação específica na área em que atuam.

Tabela 2. Questão aberta referente a resposta/categoria dos professores.

Questão aberta	Professores de ciências e educação física
1) Na escola onde você leciona é desenvolvido algum trabalho de educação sexual com os alunos? 1a) Quem desenvolve? 1b) Com quais alunos?	1) Sim; 1a) O orientador educacional; 1b) Com alunos das 7 ^a e 8 ^a séries.

Podemos observar que a maioria dos professores mencionou que é desenvolvido algum trabalho de educação sexual na sua escola, pelo orientador educacional e com alunos das 7^a e 8^a séries.

Acreditamos que o trabalho de educação sexual na escola foi mencionado em função do desenvolvimento do projeto SPE desde 2007 onde todas as escolas municipais tinham representantes que participavam do mesmo.

O projeto SPE tem sido desenvolvido no município de maneira permanente, tendo como uma das estratégias adotadas o trabalho com professores multiplicadores (Moreira et al., 2011).

Trabalhar com professores multiplicadores possibilita a integração do professor (adulto de referência) com os alunos na escola e viabiliza um espaço para discussão e reflexão de temas sobre sexualidade.

Cabe ressaltar que na escola/sala de aula a maioria das dúvidas/curiosidades dos adolescentes sobre o tema sexualidade está relacionada, segundo Moreira et al. (2011, p. 80),

[...] às mudanças anatômicas e fisiológicas, ao relacionamento afetivo, à iniciação sexual, à identidade sexual e orientação sexual, à contracepção, ao aborto, à gravidez na adolescência, aos tipos, sintomas e formas preventivas das DST e à definição de violência sexual.

Quanto ao orientador educacional ter sido mencionado com maior frequência como o responsável pelo desenvolvimento do trabalho de educação sexual na escola, este dado parece estar relacionado ao fato de que a maioria dos professores multiplicadores que representavam as escolas municipais no projeto SPE era orientadores educacionais, cuja escolha do representante ficou a cargo de cada escola.

Quanto aos alunos estarem cursando as 7ª e 8ª séries, cabe salientar que os alunos que estão nestas séries estão passando por mudanças biológicas, psicológicas e sociais muito intensas em função da fase de vida que estão vivendo (em média entre 12 e 15 anos de idade), onde os alunos têm necessidade de manifestar suas dúvidas e/ou curiosidades relacionadas à sexualidade. As mudanças da adolescência ocorrem gradativamente e podem ser divididas em etapas, conforme Lopez & Campos Jr. (2012, p. 66-68),

A adolescência pode ser dividida em três etapas: inicial (dos 10 aos 14 anos); intermediária ou média (dos 14 aos 17 anos) e tardia ou final (dos 17 aos 20 anos). [...] A adolescência inicial distingue-se pelo aparecimento dos caracteres sexuais secundários, pela curiosidade acerca das mudanças corporais e pelas fantasias sexuais, [...]. O crescimento dos seios nas meninas e o desenvolvimento dos testículos e do pênis nos meninos são as mudanças mais importantes. [...] Na adolescência média, completa-se a maturação física, a energia sexual está mais latente e o contato físico entre os adolescentes amplifica-se. [...] Na adolescência tardia, o comportamento sexual torna-se mais expressivo, as relações íntimas são mais desenvolvidas, predominando a escolha do parceiro baseado no afeto.

Se relacionarmos a faixa etária, as etapas desta fase de desenvolvimento e as séries que estes alunos estavam cursando (7ª e 8ª séries), pode-se perceber que eles estão vivenciando as etapas inicial e média da adolescência descritas pelos autores mencionados acima, onde dúvidas e/ou curiosidades relacionadas à sexualidade fazem parte desta fase de vida, devendo ser acolhidas e trabalhadas na escola/sala de aula.

Cabe ressaltar que a educação sexual na escola pode e/ou deve ser desenvolvida da pré-escola ao ensino médio, pois a sexualidade faz parte da vida humana e as dúvidas e/ou curiosidades dos alunos surgem na sala de aula, modificando a temática de interesse dos alunos de acordo com a fase de vida que eles estão vivenciando. Na adolescência, a vivência da sexualidade aproxima-se da sexualidade da vida adulta, implicando em maior autonomia e liberdade nas escolhas, sendo necessário algumas orientações pois a experiência pode ter consequências indesejadas, onde podemos destacar as doenças sexualmente transmissíveis e/ou uma gravidez não planejada. Desta

forma, é importante que os adolescentes sejam acolhidos pelos adultos de referência, viabilizando um espaço para o diálogo com o objetivo de auxiliá-los nas suas escolhas, pois a fase é de desconhecimento, insegurança e vulnerabilidade.

Tabela 3. Questão aberta referente a resposta/categoria dos professores.

Questão aberta	Professores de ciências e educação física
2) Você já trabalhou e/ou trabalha com o tema educação sexual na escola? 2a) Por quê? 2b) Com quais alunos? 2c) Como? 2d) Sozinho/com outros professores?	2) Sim; 2a) Categoria: a necessidade do aluno; “Os alunos têm muita carência de informações. [...] A pedido dos alunos fiz um acordo com os mesmos: dois períodos de ciências por semana e um de sexualidade, foi um sucesso, pois estava acordado que eles deveriam se empenhar nos dois períodos, e conseguimos inclusive terminar o conteúdo” (professor de ciências). “Pois é uma necessidade dos alunos, eles questionam, perguntam, [...]” (professor de educação física). 2b) Com alunos da 7ª série; 2c) Categoria: de maneira informal; “Na medida que surgem as dúvidas ou até mesmo problemas graves procuro estudar sobre o tema, esclarecer os alunos numa conversa informal em sala de aula” (professor de ciências). “Através de conversas informais em aula, ou antes e depois das aulas. Caso veja que há necessidade encaminho ao posto para maiores esclarecimentos” (professor de educação física). 2d) Sozinho.

Podemos observar que a maioria dos professores já havia trabalhado e/ou trabalhava com o tema educação sexual na escola, em função da necessidade do aluno, com alunos da 7ª série, de maneira informal e sozinho.

Na faixa etária dos alunos que estão na 7ª série (entre os 12 e 14 anos de idade) as mudanças fisiológicas/hormonais são muito intensas, marcando o início das grandes transformações da adolescência, onde os alunos têm necessidade de falar sobre o tema sexualidade, sendo difícil não manifestar este tema em sala de aula. Acreditamos que este seja um dos motivos para os professores abordarem o tema sexualidade durante as suas aulas/disciplinas pois, segundo Goldstein & Glejzer (2008, p. 14),

Al comenzar la puberdad, los chicos y chicas se sorprenden ante la transformación de sus cuerpos, que van adquiriendo nuevas posibilidades al cambiar su funcionamiento respecto del cuerpo que los acompañó durante su infancia.

Para ser desenvolvido um trabalho sobre sexualidade na escola é necessário a formação dos professores para um desempenho técnico, evitando o desenvolvimento das atividades baseado em concepções pessoais, como menciona Costa et al. (2001, p. 223),

[...] a educação para a sexualidade que, muitas vezes, é realizada de forma espontânea e de acordo com as próprias concepções dos educadores, de como manejam situações cotidianas. Assim, por falta de preparo técnico e metodológico, transmitem aos adolescentes conceitos e representações próprias, sem levar em conta critérios científicos e éticos necessários à formação do jovem.

Temos observado que o trabalho de educação sexual ocorre, muitas vezes, com a boa vontade de um profissional da educação ou da saúde que se dispõe a conversar com os alunos/pacientes de maneira informal e a partir das suas concepções e vivências pessoais. A crítica não é para a boa vontade dos profissionais mas que o tema deve ser tratado de forma técnica, visando a contribuição dos profissionais no auxílio aos adolescentes a tomarem suas decisões. Segundo Montero V. (2011, p. 1251-1252),

[...] los programas destinados a la educación y atención en salud relacionados con la afectividad y sexualidad adolescente, debieran basarse en información objetiva, basada en la evidencia científica y no sólo en creencias ideológicas, religiosas o políticas. Por otra parte, los/las educadores y profesionales de la salud que participamos en la atención integral de adolescentes somos agentes replicadores del modelo educativo, por lo que debemos estar debidamente motivados y capacitados como una manera de contribuir al desarrollo propio de la adolescencia, entregando información objetiva, actualizada, completa y veraz, que permita la toma de decisiones de manera libre e informada de los/las adolescentes en aspectos que les atañen directamente.

Quanto ao fato dos professores trabalharem sozinhos e não de maneira interdisciplinar tendo como tema transversal a educação sexual, acreditamos que possa estar relacionado com a falta de capacitação para ambas as propostas, o tema educação sexual e a metodologia interdisciplinar/tema transversal.

Os dados encontrados ilustram o que menciona a literatura sobre a dificuldade em trabalhar com o tema sexualidade de maneira interdisciplinar/transversal na escola, segundo Jardim & Brêtas (2006, p. 161),

A sexualidade na escola deveria ser trabalhada transversalmente em todas as disciplinas do currículo escolar, com professores devidamente preparados para esta função em uma metodologia participativa, com base na manifestação do próprio adolescente.

Nos relatos dos professores observamos que há o interesse em desenvolver o trabalho de educação sexual na escola de maneira interdisciplinar/transversal e que a maior dificuldade está na falta de capacitação, o que nos leva a refletir sobre a formação dos professores, conforme Thiesen (2008, p. 550),

Ainda é incipiente, no contexto educacional, o desenvolvimento de experiências verdadeiramente interdisciplinares, embora haja um esforço institucional nessa direção. Não é difícil identificar as razões dessas limitações; basta que verifiquemos o modelo disciplinar e desconectado de formação presente nas universidades, lembrar da forma fragmentária como estão estruturados os currículos escolares, a lógica funcional e racionalista que o poder público e a iniciativa privada utilizam para organizar seus quadros de pessoal técnico e docente, a resistência dos educadores quando questionados sobre os limites, a importância e a relevância de sua disciplina e, finalmente, as exigências de alguns setores da sociedade que insistem num saber cada vez mais utilitário.

Acreditamos que seja necessário trabalhar na formação básica e continuada dos professores e dos profissionais da saúde as relações existentes entre as várias áreas do conhecimento, destacando a importância da formação específica, porém, não dissociada do conhecimento como um todo, podendo identificar as fronteiras e os elos de inter-relação da sua área com as demais áreas do conhecimento. É importante a percepção destes profissionais de que cada área do conhecimento tem uma visão da realidade (limitada) e que para uma melhor compreensão e resolução de qualquer situação/problema é fundamental a união/integração destes conhecimentos, visando uma construção coletiva com todos os envolvidos. A partir da percepção da realidade como um todo, o profissional

(da educação e da saúde) terá melhores condições de pensar e executar um trabalho integrado com as demais áreas do conhecimento, segundo Thiesen (2008, p. 551-552),

[...] o professor precisa tornar-se um profissional com visão integrada da realidade, compreender que um entendimento mais profundo de sua área de formação não é suficiente para dar conta de todo o processo de ensino. Ele precisa apropriar-se também das múltiplas relações conceituais que sua área de formação estabelece com as outras ciências. O conhecimento não deixará de ter seu caráter de especialidade, sobretudo quando profundo, sistemático, analítico, meticulosamente reconstruído; todavia, ao educador caberá o papel de reconstruí-lo dialeticamente na relação com seus alunos por meio de métodos e processos verdadeiramente produtivos.

A partir do momento que conseguimos romper o paradigma disciplinar e aprendemos a atuar de maneira interdisciplinar, temos condições para trabalhar temas de forma transversal, pois exige o desenvolvimento da nossa prática de maneira diferente.

Os temas transversais, conforme Meinardi (2010, p. 39), “No aparecem asociadas a algunas áreas del currículo sino a todas. Abordan problemas de relevância social. Su tratamiento conlleva una importante carga valorativa (predominantemente moral)”.

Trabalhar com temas transversais é complexo pois exige transcender a formação disciplinar, aprender a trabalhar de forma interdisciplinar e lidar, de uma maneira técnica e ética, com questões morais. A grande diferença do trabalho com os conteúdos curriculares e os temas transversais está no fato de que os últimos além de conteúdos técnicos têm um componente moral, o que justifica ser desenvolvido de maneira transversal e não como uma nova disciplina, conforme Fuente (2002, p. 386-387),

Los contenidos transversales deben impregnar todo el curriculum, [...]. Los ejes transversales, en esta perspectiva, están vinculados a la innovación educativa y a una visión participativa de la educación. Por eso, padres y madres, alumnos y alumnas, y otros profesionales relacionados con la escuela, han de estar implicados en su desarrollo mediante actividades de apoyo y actividades educativas complementarias que deben consensuarse, programarse y figurar en la programación general y en el proyecto educativo del centro.

Tabela 4. Questão aberta referente a resposta/categoria dos professores.

Questão aberta	Professores de ciências e educação física
3) Você já recebeu alguma orientação e/ou capacitação para trabalhar o tema educação sexual na escola?	3) Não.

Podemos observar que a maioria dos professores não recebeu orientação/capacitação para trabalhar o tema educação sexual na escola, sendo necessária para o desenvolvimento do trabalho, conforme Jardim & Brêtas (2006, p. 161),

Diante da necessidade de conquistar o adolescente e de atingir as suas expectativas de discutir não só questões biológicas, mas também questões que envolvem sentimentos, valores, a moral e a ética, é necessário “construir” professores com habilidades essenciais, proporcionando a eles condições de ampliar e reciclar seu conhecimento, através de programas de atualização e capacitação direcionadas a sexualidade. Só assim, teremos professores capazes de criar e manter um vínculo de confiança com o adolescente e cumprir os objetivos da orientação sexual na escola de levá-los a reflexão e aplicação do conhecimento para a construção da sua cidadania.

Tabela 5. Questão aberta referente a resposta/categoria dos professores.

Questão aberta	Professores de ciências e educação física
4) Com a sua experiência, qual(ais) a(s) facilidade(s) encontrada(s) para trabalhar o tema educação sexual na escola?	4) Categoria: o interesse dos alunos. “[...] o interesse da maioria faz com que o tema flua com facilidade” (professor de ciências). “É um tema que desperta muito interesse dos alunos. É um tema presente no cotidiano das pessoas” (professor de educação física).

Podemos observar que a maioria dos professores mencionou que o interesse dos alunos facilita trabalhar com o tema educação sexual na escola.

Cabe destacar novamente que a fase da vida dos alunos que estão cursando a 7ª série é uma fase repleta de dúvidas e/ou curiosidades inerentes a idade e a fase de desenvolvimento, com mudanças biológicas, psicológicas e sociais, que muitas vezes geram insegurança, intensificando a necessidade de diálogo. É importante destacar o papel do adulto de referência quanto ao acolhimento e a escuta destas dúvidas e curiosidades relacionadas às mudanças deste período, conforme Goldstein & Glejzer (2008, p. 17),

Alrededor de los 11 a 14 años, aparecen los primeros cambios corporales que hacen que un chico/a deje de ser niño/a. Cambios que transforman también la manera de comportarse, de relacionarse con sus pares, con sus padres, y con las personas en general. [...] Los cambios implican una inquietud por conocer más sobre las transformaciones de su propio cuerpo, del de los otros y sobre la sexualidad. La sexualidad tiene que ver con la capacidad que tenemos para sentir, experimentar, expresar y compartir placer sexual y afecto.

Os adultos têm um papel fundamental no acolhimento das dúvidas e/ou curiosidades dos adolescentes, contribuindo para potencializar as experiências e minimizar os riscos nesta fase de vulnerabilidade, evitando deixar o adolescente desassistido, obtendo informações, muitas vezes, equivocadas e correndo riscos, segundo Costa et al. (2001, p. 223),

Os adolescentes, por não estarem informados ou subsidiados pelas informações dos adultos, aprendem e disseminam informações inadequadas e preconceitos que, somados ao comportamento onipotente característico da adolescência, contribuem para que as experiências sexuais possam condicionar riscos. É fundamental considerar que tanto a família e a escola como os profissionais de saúde podem contribuir para que adolescentes vivenciem a sexualidade e suas relações afetivas de forma satisfatória e sem riscos, vinculada ao respeito mútuo e sem discriminação de gênero.

Podemos observar que o interesse pelo tema sexualidade surge naturalmente. Desta forma, os adultos precisam estar preparados para desempenhar o seu papel como referência, acolhendo estas “inquietações internas” e auxiliando para as escolhas pessoais dos adolescentes.

Tabela 6. Questão aberta referente a resposta/categoria dos professores.

Questão aberta	Professores de ciências e educação física
5) Com a sua experiência, qual(ais) a(s) dificuldade(s) encontrada(s) para trabalhar o tema educação sexual na escola?	5) Categoria: a falta de capacitação. “A falta de mais palestras, mais seminários, [...]” (professor de educação física). “A própria formação sexual do professor, muitas vezes nós mesmos temos dificuldade em falar sobre o tema” (professor de educação física).

Podemos observar que a falta de capacitação é a maior dificuldade mencionada pela maioria dos professores para trabalhar com o tema educação sexual na escola, o que reforça a importância e a necessidade de uma formação básica e continuada sobre este tema.

Como já foi dito, abordar o tema educação sexual na escola exige capacitação técnica por ser um tema tabu na nossa sociedade. Temos observado, ao longo deste tempo de trabalho com educação sexual na escola, a dificuldade que os pais, os professores e os profissionais da saúde têm em abordar este tema com seus filhos, alunos e pacientes.

Para os pais, segundo Escobar de Fernández (2008, p. 79-80), “La pubertad de los hijos refresca en la memoria la propia, y pueden aflorar viejas dudas archivadas por muchos años. [...] El desarrollo sexual de los hijos pone en juego la propia historia de los padres”.

Para os profissionais da saúde, conforme Horta, Madeira & Armond (2009, p. 129-130),

Os profissionais sentem-se perdidos, perplexos, cansados e frustrados ao atenderem os adolescentes por não saberem o que fazer diante das mudanças ocorridas no processo de “adolescer”, muito diferente daquele vivido por eles. [...] discutir com o adolescente sobre sexualidade remete a pensar na nossa própria sexualidade, que muitas vezes negamos. Negamos em decorrência de nossas próprias vivências, talvez por falta de preparo em discutir sobre esse assunto tão delicado, ou talvez por vivermos em uma sociedade permeada de tabus e preconceitos. Nesse caso, não amadurecemos e preferimos agir como se fôssemos “assexuados”. E, dessa maneira, o adolescente como fruto desse cenário também se cala, [...].

Acreditamos que a dificuldade dos pais e dos profissionais da saúde é semelhante a encontrada pelos professores, assim como pela maioria dos adultos na nossa sociedade. O que temos observado é que, pela dificuldade que os adultos de referência têm em abordar o tema sexualidade, os mesmos acabam deixando o adolescente desassistido e mais vulnerável às situações indesejadas, tais como: DST, HIV/AIDS, gravidez não planejada, entre outras.

Podemos observar a necessidade de capacitação dos adultos de referência para o desempenho do seu papel de forma qualificada, a fim de que possam auxiliar o adolescente nesta fase, reforçando que este trabalho deve ser desenvolvido em parceria entre a escola, os serviços de saúde e a família.

Tabela 7. Questão aberta referente a resposta/categoria dos professores.

Questão aberta	Professores de ciências e educação física
6) Com a sua experiência, o que poderia ajudar e/ou facilitar o desenvolvimento do tema educação sexual na escola?	6) Categoria: a participação da família. “O envolvimento da família na discussão do assunto. Que professores, pais e alunos debatessem juntos as questões relacionadas ao assunto. Que os pais saibam quais as dúvidas dos filhos, que os filhos tenham coragem e confiança nos pais para falar claramente sobre o assunto, e que o professor seja o intermediador deste diálogo” (professor de educação física). “Facilitaria se os pais recebessem também orientações e fizessem um trabalho conjunto” (professor de ciências).

Podemos observar que a maioria dos professores referiu que a participação da família poderia ajudar no trabalho com o tema educação sexual na escola.

Acreditamos que a participação da família no acolhimento dos adolescentes é fundamental pois, conforme Escobar de Fernández (2008, p. 111),

[...] para crecer se necesita de los padres, ellos son quienes marcan el terreno en el cual desarrollarse, en el cual moverse. Son la referencia que tiene un joven, aquello de lo que está seguro. Por lo tanto, es necesaria la figura del adulto que contiene, afirma, da la seguridad que el adolescente ha perdido y está intentando encontrar.

O fortalecimento da parceria entre família, escola e serviços de saúde pode ter um resultado muito significativo para a qualidade de vida de todos os envolvidos, principalmente a dos adolescentes pois, segundo Muñoz (2002, p. 456),

La participación de los padres y madres es fundamental como refuerzo de la formación que reciben los chicos y chicas y como punto de referencia continuo, ya que es el núcleo familiar donde se convive más tiempo y donde se deben exponer problemas y situaciones para que puedan ser valoradas, entendidas y aceptadas.

Acreditamos que a escola, em parceria com os serviços de saúde, deva dar uma atenção especial aos pais dos adolescentes, através de um espaço para discussões e reflexões sobre adolescência e sexualidade, visando auxiliá-los na compreensão do processo que estão vivenciando para um melhor acolhimento de seus filhos, pois conforme Barbosa, Costa & Vieira (2008, p. 101),

[...] a maioria dos pais tem interesse e motivação para conversar com os filhos adolescentes, porém falta criar acessos e estratégias para trabalhar com esses pais, para que eles possam ajudar os filhos a ter uma saúde sexual e reprodutiva mais saudável.

Conclusão

Os principais achados do nosso trabalho foram que a maioria dos professores já havia trabalhado e/ou trabalhava com o tema educação sexual na escola, pela necessidade do aluno, com alunos da 7ª série, de maneira informal, sozinho e sem ter recebido orientação. O fator facilitador para o desenvolvimento do trabalho foi o interesse do aluno e a falta de capacitação e a pouca participação da família foram as maiores dificuldades encontradas.

A partir destes achados chegamos as seguintes conclusões:

O trabalho de educação sexual na escola é muito importante, principalmente, em função da necessidade do aluno, devendo envolver todos os professores da escola e a família do aluno;

- Todos os professores da escola deveriam receber uma capacitação sobre abordagens interdisciplinares de temas transversais e uma capacitação específica sobre adolescência, sexualidade, o papel do adulto como referência (o papel do professor) e a importância da parceria escola e família;

- Todos os pais deveriam ser convidados para uma reunião na escola onde seriam abordados os temas adolescência, sexualidade, o papel do adulto como referência (o papel da família) e a importância da parceria família e escola;

- Todos os profissionais da saúde da unidade básica de saúde de referência para a escola deveriam receber uma capacitação sobre adolescência, sexualidade, o papel do adulto como referência (o papel do profissional da saúde) e a importância da parceria unidade básica de saúde, escola e família;

- O trabalho de educação sexual na escola deveria ser desenvolvido em parceria entre a escola (secretaria de educação) e a unidade básica de saúde (secretaria de saúde) visando um

trabalho em conjunto tanto na capacitação dos professores, na reunião com os pais como no encaminhamento/atendimento do aluno; e

- O trabalho de educação sexual na escola pode ser facilitado quando é coordenado e conduzido por um grupo gestor com representantes de todas as instituições envolvidas.

Referências bibliográficas

Aberastury, A. (1981). O adolescente e a liberdade. In A. Aberastury & M. Knobel, *Adolescência normal* (pp. 13-23). Porto Alegre: Artmed.

Albino, G. C. (2008). Sexualidade. In M. S. S. Vitalle & E. H. G. R. Medeiros (Coords.), *Guia de Adolescência: uma abordagem ambulatorial* (pp. 505-515). Barueri, SP: Manole.

Barbosa, S. M.; Costa, P. N. P. & Vieira, N. F. C. (2008). O comportamento dos pais em relação à comunicação com os filhos adolescentes sobre prevenção de HIV/AIDS. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 9(1), 96-102.

Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Brasil. Ministério da Saúde. (2006a). *Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.

Brasil. Ministério da Saúde (2006b). *Diretrizes para implantação do projeto saúde e prevenção nas escolas*. Brasília: Ministério da Saúde.

Brêtas, J. R. S. & Silva, C. V. (2009). Orientação sexual para adolescentes. In A. L. V. Borges & E. Fujimori (Orgs.), *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica* (pp. 210-248). Barueri, SP: Manole.

Costa, M. C. O.; Lopes, C. P. A.; Souza, R. P. & Patel, B. N. (2001). Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *Jornal de Pediatria*, 77(supl.2), 217-224.

Escobar de Fernández, M. E. (2008). *Hablemos de sexo: todas las preguntas, todas las respuestas*. Buenos Aires: Paidós.

Fuente, A. V. (2002). Claves educativas para abordar en las escuelas e institutos la cuestión del alcohol. In M. I. Serrano González (Coord.-Ed.), *La educación para la salud del siglo XXI: comunicación y salud* (pp. 373-390). Madrid: Díaz de Santos.

Goldstein, B. & Glejzer, C. (2008). *Sexualidad para padres e hijos: preguntas probables, respuestas posibles*. Buenos Aires: Albatros.

Horta, N. C.; Madeira, A. M. F. & Armond, L. C. (2009). Desafios na atenção à saúde do adolescente. In A. L. V. Borges & E. Fujimori (Orgs.), *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica* (pp. 119-141). Barueri, SP: Manole.

Jardim, D. P. & Brêtas, J. R. S. (2006). Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59(2), 157-62.

Lopez, F. A. & Campos Jr., D. (2012). *Filhos: adolescentes: de 10 a 20 anos de idade*. Barueri, SP: Manole.

Meinardi, E. (2010). El sentido de educar en ciencias. In E. Meinardi; L. G. Galli; A. R. Chion & M. V. Plaza, *Educación en ciencias* (pp. 15-40). Buenos Aires: Paidós.

Montero V., A. (2011). Educación sexual: un pilar fundamental en la sexualidad de la adolescencia. *Revista Médica de Chile*, 139(10), 1249-1252.

Moreira B. L. R.; Rocha J. B. T.; Puntel R. L. & Folmer, V. (2011). Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 10(1), 64-83.

Muñoz, F. E. (2002). La educación sexual en la escuela. In M. I. Serrano González (Coord.-Ed.), *La educación para la salud del siglo XXI: comunicación y salud* (pp. 453-462). Madrid: Díaz de Santos.

Thiesen, J. S. (2008). A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, 13(39), 545-554.